

**“UM PASSADO QUE NÃO MORRE”: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE EDWIGES  
DE SÁ PEREIRA \***

*Walter Valdevino do Amaral\*\**

**Resumo:** A biografia da escritora pernambucana Edwiges de Sá Pereira nos revela a história de uma mulher, que no início do século XX, conquistou o seu espaço na sociedade através de uma intensa atuação no campo da escrita, educação e feminismo. Através da sua escrita, saiu do anonimato do pequeno município de Barreiros, interior pernambucano, para o reconhecimento nacional. Em 1920, entrou para o quadro de membros efetivos da Academia Pernambucana de Letras, tornando-se assim, a primeira imortal do país. As suas obras literárias foram escritas em versos e em prosas. Nos seus versos, ela demonstrava ter uma incrível sensibilidade de expressar o sentimento humano, nos quais falou sobre o outrem, mas muitas vezes referia-se a si mesma; já nas suas prosas, revelava os seus ideais enquanto educadora e feminista, o seu empenho na luta pela inclusão do sexo feminino nas esferas cultural, social e política.

**Palavras-chave:** Escritora; Educadora; Feminista.

**Abstract:** The biography of writer's Pernambuco Edwiges de Sá Pereira reveals us the a woman's history, that in the beginning of the century XX, conquered its space in the society through an intense performance in the field of the writing, education and feminism. Through its writing, she left the anonymity of the small city of Barreiros, Pernambuco, for the national recognition. In 1920, she entered how effective members of the Pernambuco's Academy of Letters. She was the first immortal of the country. In her verses, Edwiges de Sá Pereira demonstrated to have an incredible sensibility of expressing the human feeling. We can understand with her verses that she talked about the others, but a lot of times she referred of herself. In her prosas she revealed her ideals while educator and social activist, in your fight for the inclusion of the feminine sex in the cultural, feminist and politics.

**Keywords:** Writer; Educator; Feminist.

## Algumas considerações sobre História e Literatura

O historiador, principalmente, a partir da terceira fase dos *Annales* e com a chamada História Cultural, tem ampliado suas possibilidades analíticas com o uso de fontes documentais dantes não exploradas. Uma delas é a literatura. O professor Durval Muniz, no livro *História: a arte de inventar o passado*, afirma que, seu “objetivo não será separar a História da Literatura, não será encontrar seus limites e suas fronteiras, mas articulá-las, pensar uma com a outra” (Albuquerque Júnior, 2006:44).

Este trabalho é um bom exemplo da possibilidade do diálogo entre Clio e Calíope, musas vaidosas, mas que juntas podem produzir belos frutos. Pois, articulando prosas e versos aos seus textos, o historiador pode então, enriquecer seus trabalhos, fazendo tocar duas dimensões que, para muitos, ainda parecem estar em lados opostos: a ficção e a realidade. Como endossa Sandra Pesavento (2006):

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música.

Tanto a História quanto a Literatura, têm o real como seu referente, no qual nascem e para o qual retornam; remodelando, perpassando, ou simplesmente, sendo simulacros dele. Portanto, podem trabalhar articuladas nas análises do espírito humano, tendo em vista suas relações intrínsecas com o momento em que as obras dessas duas musas são produzidas.

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu (Pesavento, 2006).

Tomando essa perspectiva, a partir do que afirma Durval Muniz e Sandra Pesavento, lançamos um olhar sobre a vida e a obra de Edwiges de Sá Pereira, que

exerceu um importante papel na história da literatura pernambucana, além de ter sido pioneira nas áreas da escrita, educação e feminismo em Pernambuco. Através da sua biografia e de seus escritos, tentaremos reconstruir alguns aspectos de um momento histórico de profundas transformações sociais e culturais e, com isso, observar essas peculiaridades na vida desta pernambucana.

### **O florescimento de um talento**

Nas duas últimas décadas do século XIX, o processo de modernização transformou a paisagem e o estilo de vida dos habitantes dos principais centros urbanos do Brasil. As artes, a moda, a arquitetura, a etiqueta, entre tantos outros aspectos, buscaram novas linguagens para traduzir as mudanças trazidas pelas novas técnicas. Eram as turbulências culturais da sedutora *belle époque*, momento em que “Civilização e modernidade convertiam-se em palavras de ordem; viravam instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado” (COSTA; SCHWARCZ, 2000:13).

Tal fenômeno resultou em diversas mudanças nos comportamentos e nas mentalidades da sociedade – especialmente ao sexo feminino. Pois, a vida urbana proporcionou maiores possibilidades para a influência dos meios de comunicação social sobre a vida no lar, oferecendo assim, maiores oportunidades de lazer, através dos clubes recreativos, salões de dança, teatros e cinemas; de atuação social, através das associações civis e religiosas; e até de trabalho, concentrado principalmente nos estabelecimentos escolares e comerciais.

Dentro deste novo modelo de vida urbana, a mulher passou a ter uma maior consciência de seus direitos e se empenhou em defendê-los com mais intensidade. Contexto bem diferente daquele vivido durante todo o século XIX, em que a sociedade patriarcal procurava impor às mulheres uma concentração total de suas capacidades nas relações intrafamiliares, ao passo que o homem devia dedicar um tempo parcial a estas relações.

Foi nesse contexto que, no dia 25 de outubro de 1884, no pequeno município de Barreiros, localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco, nasceu Edwiges de Sá Pereira. Os seus pais eram José Bonifácio de Sá Pereira (bacharel em direito e senhor de engenho) e Maria Amélia Rocha de Sá Pereira (dona de casa). Ela teve 12 irmãos, entre

eles, destacamos: Virgílio de Sé Pereira (advogado), Eugenio de Sé Pereira (advogado e poeta), Eurico Sé Pereira (advogado e jornalista).

Na infância demonstrava ter uma forte inclinação pela literatura, especialmente pela arte da poesia. Um dos seus primeiros textos que se tem registro é o poema “Saudade”, escrito em 1895, quando tinha apenas 11 anos de idade. Aos 13 anos, juntamente com o seu irmão, Eugenio de Sá Pereira, criou o *Echo Juvenil*, jornalzinho manuscrito composto por pequenos textos e poesias, que circulava entre os seus familiares. Em 1897, algumas de suas poesias que se encontravam neste jornalzinho, foram publicadas no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, o qual trazia uma crônica do escritor Arthur de Azevedo, apresentando a poetisa pernambucana de apenas 13 anos de idade. Assim, pequena poetisa do interior de Pernambuco começava a ser conhecida e reconhecida.

Em 1901, ela publicou o seu primeiro livro, intitulado *Campesinas*, composto por 51 poemas e um prefácio do Dr. Antonio Souza Pinto, grande incentivador desta publicação. Esta obra foi bem elogiada pelos críticos do Recife e de outros estados do país. Neste mesmo ano, a Academia Pernambucana de Letras,<sup>1</sup> na pessoa de seu membro efetivo Eduardo de Carvalho, fez uma bela crítica ao seu livro e a convidou para ser sócia correspondente – função que exerceu até o ano de 1920, quando passou a ser membro efetivo.

Após a abolição da escravatura e o constante enfraquecimento da economia açucareira no final do século XIX, o seu pai vendeu o seu engenho em Barreiros, e juntamente com a sua família mudou-se para o Recife, onde conseguiu um emprego no governo do Estado.

Em 1902, logo após ter se mudado para a capital pernambucana, ela contribuiu para a criação da revista *O Lyrio*. Em vários números deste periódico, encontramos matérias sobre a importância da instrução da mulher e do descaso dos governantes frente ao problema da educação feminina. Segundo a professora Elizabeth Siqueira (2009:03), este periódico: “teve um papel preponderante na difusão de ideias feministas, buscando conscientizar as outras mulheres de que o único caminho para a libertação feminina era a educação”.

A sua atuação na imprensa não se limitou a esta revista. Em Pernambuco, juntamente com o seu irmão Eugenio e o amigo Caetano Andrade, criou a revista *Azul e*

*Ouro*; foi cronista do *Jornal Pequeno*; publicou alguns trabalhos nos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Recife*, *O Tempo*, *A Provincia*, *A Tarde*, *A Nota* e *A Gazeta*; também realizou algumas publicações na *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, na *Revista Pernambucana* e no *Almanaque Literário Pernambucano*. Fora do estado, publicou alguns artigos e poesias: na *Revista de Sciencias e Letras*, e nos jornais *Norte* e *Brasil Social* (Rio de Janeiro); na *Revista Educação* e na *Revista Feminina* (São Paulo); no jornal *O Escrínio* (Rio Grande do Sul); no *Almanach Luso-Brasileiro* (Portugal); e uma revista da Suécia publicou em francês o seu poema “Madrigal”.

Os escritos da jovem atraíam a curiosidade dos seus leitores. Muitos queriam saber como se deu tão precocemente a sua formação literária. Ela mesma dizia que não sabia explicar muito bem, como havia despertado para a literatura, mas lembrava que uma “viva curiosidade impeliu-me, desde muito creança, para os livros. [...] O verso atraíam-me. Decorava-o sem conta e recitava-o em família, declarando aos que me ouviam que, quando eu crescesse, haveria de ser poeta...” (Pereira, 1928:29). (Grifo da autora)

### **A encantadora de palavras**

Na elaboração de suas poesias Edwiges primava pela sacralidade da forma, pelo preciosismo do vocabulário e da rima, pela preferência por estruturas fixas, como o soneto, que representa uma forma poética fixa composta por quatro estrofes, sendo dois quartetos (estrofe com quatro versos) e dois tercetos (estrofe com três versos).

A presença destas características, na elaboração da sua escrita, demonstra que a poetisa teve forte influência da escola parnasiana, a qual se caracteriza pelo “gosto da descrição nítida (a mimise pela memise), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e ritma e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo” (BOSI, 1994:219-220).

O poema “Capitólio”, publicado em 1960, é sem dúvida, entre todos os seus versos, o que melhor representa a sua formação parnasiana, pois na epígrafe<sup>2</sup> ela faz uma referência explícita à poesia “Profissão de fé”, de Olavo Bilac, considerado um dos poemas mais representativos do parnasianismo brasileiro. Vejamos o poema:

Hás de viver eternamente, ó verso, / Nos velhos moldes: no esplendor que anima / A luz no movimento do Universo! / O amor na lei da Natureza oprima! // Quando não mais surgisse um som disperso / Do hemisfério, da métrica e da rima, / Sobram-te louros de um parnaso terso: / Nunca a seara dos Gênios se dizima! // Não medra o esforço do que finge odiar-te. / Qual haverá que um dardo acerte dentre / Os que desdenham teu prestígio de arte? // Qual haverá que um poema legue, ovante, / Ao mundo, e o mundo o leia e se concentre / Como se lê Camões, Homero, Dante?! (Pereira, 1960:35-36).

Nas suas poesias, também encontramos a presença de uma constante valorização da subjetividade e do inconsciente, como meio de sondagem do “eu lírico”. Estes elementos são representativos da escola simbolista, a qual se caracteriza, entre outras coisas: pela busca de uma concepção mística da vida; ênfase na imaginação e fantasia; tom altamente poético; e na utilização de processos como a associação das ideias, representadas principalmente por figuras de linguagem.

No soneto “O Violino”, publicado em 1909, identificamos claramente a influência do simbolismo na escrita desta poetisa. Vejamos o referido poema:

Magno instrumento a tua voz parece / A voz do coração que á gente fala: – / Ninguém te ouvindo o seu pezar esquece, / Ninguém te ouvindo os seus sorrisos cala... // Quando, ou tranqüilo e doce como aparece / Ou presto e alegre um som de ti revela, / – Queixa de quem magoas de amor padece / Canto de quem feliz amor propala, // O sêr que bebe o influxo soberano / Das emoções diversas de teu peito / Que pulsa e vibra como o peito humano, // Presa de enleio e de fascinação / Pensa um momento que tu foste feito / Das próprias cordas do seu coração... (Pereira, in: Costa, 1909:201).

Na sua folha bibliográfica, publicada em junho de 1928 na *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, a poetisa afirmou que entre os escritores brasileiros que influenciaram a sua formação, estão os brasileiros: Olavo Bilac, Luiz Murat, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira, Auta de Souza, Julia Lopes de Almeida, José de Alencar e Carneiro Villela; já entre os autores internacionais, estão: Maria Amalia Vaz de Carvalho, Julio Dantas, Eça de Queiroz, Carlota Bronte, Maria de Stael, Mathilde Seráo, De Amicis E Rostand.

### **Atuação no âmbito educacional**

Edwiges de Sá Pereira concluiu os seus estudos na Escola Normal do Recife,<sup>3</sup> instituição em que lecionou as disciplinas de Prática Didática e Pedagogia. Ela também

foi professora de Português do curso Comercial do Colégio Eucarístico e professora de História Geral e do Brasil no Instituto Nossa Senhora do Carmo.

Em 1925, o governador Sergio Loreto, a encarregou para a realização de um estudo acerca da organização e funcionamento do ensino técnico e profissional em Pernambuco e em outros estados do país. Ao final deste trabalho, ela entregou ao governador um minucioso relatório, o qual, um ano depois foi publicado com o título de *Impressões e Notas*.

Neste texto, ela faz uma crítica ao funcionamento da instrução primária no Brasil, que invés de corresponder às reais necessidades dos alunos, às especificidades de cada região, nada mais faz do que plastificar a massa popular que se pretende plasmar, com as suas preocupações voltadas para o cumprimento dos horários, distribuição das matérias, acomodação das cadeiras, regularização das faltas e das notas.

Para a autora, o processo educativo deveria estar muito mais preocupado com a feição psicológica do aluno, com os aspectos de sua natureza subjetiva e, sobretudo, com as características do meio em que cada aluno se encontra, assumindo assim, “uma feição mais pratica, mais utilitaria, mais dentro das condições de vida e de meio da camada popular para que é feita” (Pereira, 1926b:135). Ou seja, no processo educativo a escola e a vida dos alunos deveriam estar harmonizadas. Pois, o

Respeito constante da personalidade do alumno, de suas disposições e aspirações, attendendo as condições prováveis de sua vida, do meio em que elle terá de exercer actividades e desenvolver capacidades – eis, realmente o fim de toda função educativa.

Deveria ser esta a orientação de todas as escolas populares, onde o alumno não pode perder tempo, onde todo o ensinamento deve ser pratico e proveitoso, quasi de immediata utilização (Pereira, 1926b:136).

Desta forma, defendia que, se o processo educativo estivesse voltado para as reais necessidades dos alunos, eles estariam bem mais capacitados para lutarem economicamente, contribuindo assim, para uma maior garantia da ordem, da moralidade, da riqueza, da preponderância de uma nação. Em seguida, expõe algumas considerações sobre escolas profissionais direcionadas ao sexo masculino e feminino em nosso país. Neste momento, ressalta a necessidade de um maior empenho para a criação e difusão das escolas que atendam principalmente as mulheres, já que, em boa

parte do Brasil, existe um número razoável de estabelecimentos direcionados a formação dos homens.

A educadora acreditava que a criação de escolas profissionais para mulheres poderia diminuir a situação desfavorável em que o sexo feminino se encontrava nos novos tempos, principalmente as mulheres das camadas mais populares, para quem as escolas profissionais poderiam propor “uma preparação que as ampare, moral e materialmente, na lucta economica que a vida exige, cada vez mais intensa e mais difficil” (Pereira, 1926b:137). Ela conclui este relatório afirmando que a criação de “escolas acessíveis ás classes média e popular, com um programma utilitario e pratico, promissor da collaboração dos educandos como factores da riqueza do Estado – eis o que melhor conviria para a solução do grave problema” (Pereira, 1926b:137).

### **A entrada da escritora na Academia Pernambucana de Letras**

No dia 13 de maio de 1920, na Câmara dos Deputados do Recife, ocorreu uma cerimônia para a posse dos novos membros da Academia Pernambucana de Letras. Os imortais empossados neste dia foram: Andrade Bezerra, Gonçalves Maia, João Barreto, Mario Melo, Oliveira Lima, Pereira Alves, Zeferino Galvão e Edwiges de Sá Pereira. O discurso de abertura foi realizado pelo presidente desta associação, o Sr. Samuel Martins, que em breves palavras, falou sobre a importância de Pernambuco para a evolução da literatura brasileira.

Em seguida, ele passou a palavra para o Sr. França Pereira, para que o mesmo fizesse em nome da Academia, um discurso de boas vindas aos novos imortais. Este começou falando sobre a tradição pernambucana no cenário literário do país, depois fez um breve histórico sobre os membros da agremiação que já faleceram, e por fim, discorreu sobre a vida e obra de cada um dos que estavam ingressando nesta Academia. Ao falar sobre a nova imortal, ressaltou:

Será esta, penso, a primeira das actuaes Academias de Letras do paiz a admitir uma senhora em seu seio.

A casa de Bento Teixeira Pinto quiz ter a primazia neste acto de justiça aos vossos dotes de espirito. Mademoselle Edwiges. E é da tradicional galanteria pernambucana alliar a cooperação da Mulher a todas as nossas affirmações de Energia como a todas as nossas manifestações de Arte (Pereira, 1926a:14).



Ao terminar a seu discurso, o Sr. França Pereira convidou o Dr. Oliveira Lima, para falar em nome dos que estavam ingressando na Academia. Este iniciou falando sobre a satisfação de poder representar os ilustres colegas e da alegria que os mesmos estavam sentindo por passarem a compor a ilustre galeria da Academia Pernambucana de Letras. E por fim, traçou um perfil sobre si mesmo e sobre os novos imortais. No seu discurso, também enfatizou a entrada de uma mulher na Academia:

Escolheste a sra. d. Edwiges de Sá Pereira e com esta escolha destes as outras academias do Brazil um exemplo a que a Academia Brasileira ainda não afoitara. As produções poeticas e pedagogicas da nossa consocia justificam de certo vosso acto, mas não deixa ella de ser uma innovação. Devemos todos agradecer a sra. d. Edwiges de Sá Pereira o ter proporcionado a esta Academia o ensejo de tão depressa entrar na nova corrente de idéas, admittindo no seu gremio uma representante da intellectualidade pernambucana (Lima, 1926:21-22).

Esta data tem uma importância simbólica para a história do cenário literário do país, pois neste dia a escritora, substituindo o Dr. João Baptista Regueira Costa, na Cadeira de n. 7, a qual tem por patrono o Antônio Peregrino Maciel Monteiro, tornou-se a primeira mulher a fazer parte do quadro efetivo de uma Academia de Letras no país. Antecedendo, assim, em 57 anos, a cearense Raquel de Queiroz, que em 4 de novembro de 1977, sucedendo Candido Motta Filho, na Cadeira de n. 5, torna-se a primeira mulher a fazer parte do quadro efetivo da Academia Brasileira de Letras.

Em 1945, em homenagem póstuma ao Dr. João Baptista Regueira Costa, ela publicou o livro *Um passado que não morre*, no qual, faz um breve ensaio sobre a vida e a obra deste poeta e historiador pernambucano. Inicialmente, destaca o trabalho *História de Pernambuco*, escrito em sonetos, que ele produziu para as escolas primárias, publicado em ordem cronológica na *Revista de Instrução Pública*. Cada um dos sonetos era acompanhado por um resumo explicativo do fato a que se reporta o autor.

Em seguida, ressalta a sua atuação no campo da educação no estado, mostrando o magnífico trabalho que ele fez neste setor, pois: elaborou o Regimento Interno do Conselho Superior de Instrução Pública; promoveu o recenseamento da população em idade escolar; estabeleceu as Conferências Pedagógicas; fundou as Caixas Econômicas Escolares; fundou a Biblioteca Pública de Jaboatão; fundou a Biblioteca do Ginásio Pernambucano; escreveu para as escolas os *Analectos Pernambucanos*, *Rasgos Históricos Brasileiros*, *Pequeno Curso de Literatura Brasileira*.

A autora conclui o seu trabalho, com as seguintes palavras: “um passado que não morre! Eis a expressão máxima consagrada de uma individualidade! A lira de Regueira Costa tem azas para todos os voos, tem flores para tôdas as estações, tem esplendores para tôdas as épocas” (Pereira, 1945:29).

Em 1947, Edwiges publicou o livro *A influência da mulher na educação pacifista pós guerra*, texto que escreveu para compor uma série de vinte e oito conferências, organizada pela Academia Pernambucana de Letras, como uma contribuição para as discussões sobre a solução dos problemas do após-guerra. Em nota introdutória, desta publicação, esclarece o motivo que a levou escrever sobre este tema, pois como “única mulher membro deste sodalício, competia-me, por vários motivos, a explanação do assunto, que em mim se integra por uma longa fase de cátedra e de suas afinidades sociais” (Pereira, 1947:06).

A escritora inicia o seu trabalho, mostrando que o século XX estava marcado por etapas de avanços e recuos, pois ao mesmo tempo em que os governantes dos principais países do mundo pregavam o desarmamento, aperfeiçoava e desenvolvia a aviação, difundiu as questões feministas e propagava uma concepção ultra-utilitarista da Escola Nova, “as fábricas de munições armam as nações até os dentes para a inédita carnificina que ora devasta o mundo. E a aviação que deveria aproximar e unir os povos pelo interesse económico, cultural e espiritual – passou a dízima-los” (Pereira, 1947:12).

Em seguida, mostra sua preocupação com o processo de reconstrução do mundo, o qual, no seu entender, se daria através da educação, especialmente num processo educativo de uma nova geração, pois as escolas podem e devem contribuir para a formação de uma nova geração, que tenha em mente verdadeiras noções éticas e morais.

Para ela a escola não representa um espaço pedagógico, mas sim o lar ampliado, que por consequência, é a família, e, por extensão a sociedade. E neste sentido, a mulher que por “destino” é educadora, não poderá ser uma mera espectadora, deverá assumir as suas responsabilidades. Defende ainda que, esta participação da mulher na construção de uma sociedade mais pacífica, deverá começar no seu próprio lar, no convívio com seu marido e seus filhos.

No final deste livro, concentra o seu estudo na questão da educação das crianças, pois acredita que não haveria meio melhor de começar a campanha pacifista do que pela criança. Defendendo que, dando uma educação pacifista para a criança de hoje,

estariamos planejando a sociedade sem guerras do amanhã. E conclui dizendo: “Mesmo porque, segundo li, ‘infância e povo são duas creanças que estão há dois mil anos para educar’” (Pereira, 1947:23).

### **A atuação feminista**

No final da década de 1920, um grupo de pernambucanas que defendiam uma maior inclusão da mulher na sociedade começou a realizar algumas reuniões na residência de Edwiges de Sá Pereira. Num destes encontros, surgiu a ideia da criação de uma filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em Pernambuco. Assim, surgia a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino.

No dia 10 de novembro de 1931, em sessão solene, realizada no Clube Internacional do Recife, a senhora Odila Porto da Silveira, representante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, deu posse à primeira diretoria da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, na qual Edwiges foi eleita como a primeira presidente desta associação. Após a posse, a senhora Cora Sant`Anna, membro do Conselho Auxiliar da Federação Pernambucana, fez uma exposição sobre o histórico, o estatuto e o programa desta associação (Cf. Federação Pernambucana Pelo Progresso Feminino, 1931:01).

Neste mesmo ano, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino realizou o II Congresso Internacional Feminista, o qual aconteceu nos salões do Automóvel Clube, na cidade do Rio de Janeiro. Neste evento, a pernambucana compareceu para apresentar a sua tese *Pela mulher, para a mulher*, na qual discutia a questão da educação feminina – um ano depois, este trabalho foi publicado no formato de livro.

Neste trabalho, ela classifica a mulher de sua época em três categorias: a que não *precisa* trabalhar, a que *precisa e sabe* trabalhar e a que *precisa e não sabe* trabalhar. A partir desta classificação, pretendia analisar a “situação da mulher brasileira relativamente às condições economicas de cada classe” (Pereira, 1932:04).

As mulheres da primeira categoria, as que *não precisam* trabalhar, são inicialmente representadas pelas grandes matronas, as sinhás, as rainhas do lar, representações femininas que foram idealizadas e difundidas por muitos anos. Mas no final do século XIX, muitas mulheres começaram a pensar a vida fora do ambiente

familiar: “Domina-as um mais alto espírito de sociabilidade, impõe-se-lhes uma necessidade maior de cultura, desenvolvendo-se então uma especie de hierarchia onde as mais ricas e mais cultas são as mais nobres” (Pereira, 1932:07). Este espírito de sociabilidade, inicialmente se revelou através dos eventos familiares, associações religiosas e atividades culturais; em seguida, passaram a reivindicar o direito à instrução, trabalho e voto.

Ao falar das mulheres da segunda categoria, as que *precisam e sabem* trabalhar, a autora destaca o preconceito sofrido pelas mulheres que trabalhavam nas fábricas, no início do século XX. Analisando os discursos de que o trabalho nas fábricas não era licito às mulheres, pois poderia: afetar a sua natureza orgânica, diminuir a sua fertilidade, comprometer a natalidade, masculinizá-la, perderia o seu sentimento de pudor, ameaçava a ordem familiar etc., ela chega à conclusão de que “o ponto de vista dos opositores do feminismo está bem claro: é a questão biologica e a questão de ordem familiar em foco” (Pereira, 1932:08).

Antes de analisar a terceira categoria, as que *precisam e não sabem* trabalhar, a feminista, defende a união das duas primeiras categorias, na luta por uma maior participação da mulher na sociedade:

E, unidas as duas correntes, as mulheres que não precisam e as que precisam e sabem trabalhar organizam-se, protestam, e reclamam a conquista de direitos civis e políticos, na aspiração de colaborar nos dispositivos das leis que, regulando a sociedade, tão profundamente vão se reflectir nos costumes (Pereira, 1932:09).

Em seguida, discute a terceira e última categoria, as que *precisam e não sabem* trabalhar, que representam a maioria das mulheres brasileiras. São aquelas que vivem nas ruas dos grandes centros urbanos, pedindo esmolas ou se prostituindo. Foram esquecidas pela sociedade, pois a elas não chegavam nem educação, nem higiene e nem religião. A salvação desta categoria deveria sair da ação conjunta das mulheres que pertenciam as duas primeiras categorias, que deveriam organizar campanhas para educar, capacitar, higienizar e moralizar as mulheres que *precisam e não sabem* trabalhar.

Na conclusão desta tese, defendeu a educação como o principal instrumento de salvação para os atuais problemas em que se encontravam a maioria das brasileiras. E propôs a construção de novas escolas “pedagógicas, domesticas, profissionais, agrícolas

– onde a colaboração feminina se possa exercer num plano de protecção e defesa para a finalidade social da mulher, e a coordenação dos objetivos nacionais consubstanciados na família, na moral, na religião, na liberdade” (Pereira, 1932:12).

### **Obras não publicadas**

Em seu livro de memórias, intitulado *Medo de Criança*, a professora e escritora Dulce Chacon, revela que: “Tenho estado a pensar nos belos livros que Edwiges de Sá Pereira deixou reunidos, já datilografados, prontos para a impressão. Nos derradeiros anos, ver os seus três livros em letra de forma constituiu para ela o maior desejo” (Chacon, 1979:265). Os livros que a autora se refere, são: *Eva Militante*, *Jóia de Turco* e *Horas Inúteis*.

Infelizmente não encontramos nenhuma cópia dos dois primeiros livros mencionados, sobre esses, as poucas informações que encontramos foram as informadas pela própria Dulce Chacon, no livro acima mencionado. Neste, a autora comenta que no livro *Eva Militante*, Edwiges faz com profundidade uma análise sobre alguns aspectos positivos e negativos dos problemas vivenciados pela mulher brasileira “no lar ou nas atividades externas, nas profissões liberais, ou na burocracia, aviadora, magistrada, prefeita, deputada, escritã, professora” (Chacon, 1979:266).

Ainda segundo esta autora, no livro *Jóia de Turco*, ela reuniu uma coletânea de algumas de suas crônicas sobre acontecimentos nacionais e internacionais, que já haviam sido publicadas em jornais, as quais foram “inspiradas noticiário e nos telegramas, nas conversas de rua e na leitura de livros, tirando-os da sombra ou de um recanto do passado para dar-lhe vida, movimento, graça, sentido poético e conteúdo humano” (Chacon, 1979:266).

Já *Horas Inúteis*, foi publicado em 1960, por iniciativa de Hebe de Sá Pereira, sobrinha de Edwiges. Este livro é composto por 53 poemas, alguns inéditos e outros que já haviam sido publicados em periódicos. No prefácio desta publicação póstuma, o professor Jordão Emereciano, fez breves considerações sobre a personalidade da autora, da sua importância para a história da Academia Pernambucana de Letras e sobre o valor desta publicação para o campo literário do estado. Para ele, este livro, era “um pouco a síntese de tudo isto porque os seus sonetos e poemas contêm os reflexos de sua

atividade variada e diversificada e a motivação de toda uma vida que teve também os seus dias de luta e de sonho, de ideal e de poesia” (Emereciano, in: Pereira, 1960:II).

### **Versos finais**

No dia 14 de agosto de 1958, aos 73 anos de idade, Edwiges, que já convivia com uma trombose cerebral, começou a agonizar e faleceu na sua residência, localizada na Rua Conselheiro Portela, no bairro Espinheiro. Ela foi sepultada no Cemitério de Santo Amaro, e durante o seu velório o professor Valdemar de Oliveira fez um discurso em nome da Academia Pernambucana de Letras.

No dia 16 de setembro de 1958, a Academia Pernambucana de Letras realizou uma sessão fúnebre em homenagem a Edwiges, na qual Dulce Chacon pronunciou um discurso intitulado *Edwiges de Sá Pereira – Escritora, acadêmica e professora*, no qual dissertou sobre o respeito e carinho que a homenageada tinha para com os membros desta agremiação, e em seguida, traçou um perfil da sua vida e a obra (Cf.: Chacon, 1958).

A pernambucana Edwiges representa um dos expoentes da história da imprensa, da educação e da luta pela equidade entre os sexos, mas foi no campo da literatura que ela entrou para a história não só do estado como também para a do país, pois foi a primeira mulher a fazer parte de uma academia de letras no Brasil.

A sua biografia, nos revela a história de uma pernambucana, que no início do século XX, conquistou o seu espaço na sociedade através de uma intensa atuação no campo da escrita, da educação e nos movimentos sociais, a trajetória de uma mulher que através da sua escrita, saiu do anonimato do interior pernambucano para o reconhecimento nacional.

### **Referências**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, Edusc, 2007, 256p.

ACADEMIA Pernambucana de Letras. *História*. Disponível em: <<http://apl.iteci.com.br/default.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 42 ed. São Paulo: Cultrix, 1994, 528p.

CHACON, Dulce. *Edwiges de Sá Pereira: Escritora, acadêmica e professora*. Recife: Gráfica Bôa Vista, 1958, 28p.

\_\_\_\_\_. *Medo de Criança*. Memória. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1979, 524p.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 176p.

COSTA, Gaspar Regueira. *Amanak Litterario Pernambucano para o anno de 1910*. Recife: Imprensa Industrial, 1909, p. 201.

FEDERAÇÃO Pernambucana Pelo Progresso Feminino. Acta da sessão solemne de posse da primeira directoria effectiva da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino. In: *Livro de Actas das sessões Extraordinarias e de Assembléa Geral*. Recife, 10 nov. 1931, p. 01-05.

LIMA, Oliveira. Discurso do Sr. Oliveira Lima. Sessão solemne de 13 de Maio de 1920. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*. Recife, ano I, n. 1, p. 05-31, 1926.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Dossiê Historia Cultural do Brasil. Paris, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 24 mai. 2011.

PEREIRA, França. Discurso do orador da Academia, Sr. França Pereira. Sessão solemne de 13 de Maio de 1920. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*. Recife, ano I, n. 1, p. 05-31, jan. 1926a.

PEREIRA, Edwiges de Sá. *Impressões e Notas*. Relatório apresentado por Edwiges de Sá Pereira. Professora Cathedratica da Escola Normal de Pernambuco, em comissão official do Governo do Estado. Recife: Rep. de Pub. Officiaes, 1926b, 145p.

\_\_\_\_\_. Folha bio-bibliographica. *Revista da Academia Pernambucana de Letras*. Recife, ano III, n. 3, p. 28-31, 1928.

\_\_\_\_\_. *Pela mulher, para a mulher*. Trabalho apresentado ao Segundo Congresso Internacional Feminista. Recife: Oficinas Graphicas da Associação da Boa Imprensa, 1932, 12p.

\_\_\_\_\_. *Um passado que não morre*. No centenário do Dr. João Baptista Regueira Costa, 1845-1945. Recife: Imprensa Industrial, 1945, 28p.

\_\_\_\_\_. *A influência da mulher na educação pacifista pós guerra* (Conferência). Recife: Imprensa Industrial, 1947, 23p.

\_\_\_\_\_. *Horas inúteis*. Recife: Imprensa Oficial, 1960, 132p.

SIQUEIRA, Elizabeth. *Uma pioneira na luta pelos direitos da mulher*. Disponível em: <[http://www.interpoetica.com/figura\\_da\\_vez9.htm](http://www.interpoetica.com/figura_da_vez9.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2009.

## Notas

---

\*\* Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP, especialista em Cultura Pernambucana pela FAFIRE, licenciado em História pela UNICAP. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Transdisciplinares em História Social da UNICAP. Tem experiência nas áreas de História e Ciências da Religião, com ênfase em História do Brasil Republicano e Campo Religioso Brasileiro, atuando principalmente nos seguintes temas: Religião, Cultura, Gênero e Imprensa. E-mail: [walterdoc@gmail.com](mailto:walterdoc@gmail.com).

<sup>1</sup> Segundo o próprio site da Academia Pernambucana de Letras, esta associação foi fundada no dia 26 de janeiro de 1901, por iniciativa de Joaquim Maria Carneiro Vilela e um grupo de literários pernambucanos. Sendo assim, a terceira academia de letras a ser criada no Brasil, pois a primeira foi a Academia Cearense de Letras em 1894, e a segunda a Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro em 1897 (Cf.: Academia Pernambucana de Letras. Disponível em: <<http://apl.iteci.com.br/default.asp>>).

<sup>2</sup> A epígrafe trazida é: “Não morrerás, Deusa sublime! / De trono egrégio / Assistirás intacta ao crime / De sacrilégio”.

<sup>3</sup> No início do século XX, a Escola Normal do Recife era uma das únicas escolas secundárias de relevância do Nordeste, tinha por objetivo, a formação de professoras para o magistério.